

O CONTRA-ARGUMENTO CARTESIANO DO SONHO

Frank Willyans Chmyz¹

Resumo: Descartes, nas *Meditações I*, por meio do argumento do sonho, introduz-nos a um mundo onde perdemos o contato com nossas certezas. Por meio de um viés cético filosófico, adentramos no desconforto da perda da objetividade intrínseca à percepção e experimentamos, a não correspondência com o mundo material ao transpassarmos o umbral da razão. O Argumento do Sonho é parte fundamental da obra *Meditações*, de Descartes. Esse nos leva a dúvidas do estado em que estamos no “agora”, de onde inicia o nosso sonhar e o nosso momento de vigília, e qual deles seria um estado real de consciência. Nele, Descartes inicia as dúvidas a respeito de nossas percepções e, em uma descendente digressão, retira todos os nossos alicerces que sustentam o nosso conhecer, levando-nos ao vazio do *cogito*. No presente trabalho, veremos como se deu este momento Cartesiano e para isso iniciaremos com as ideias céticas e suas implicações para com filósofos e intelectuais na época de Descartes. Seguiremos com o argumento do sonho analisando seu formato único ao inferir dúvidas à nossa realidade e, por fim, discutiremos a validade do argumento que Descartes se apoia para refutar seu próprio argumento do sonho.

Palavras-Chave: Argumento do Sonho. Descartes. Meditações.

Abstract: Descartes, in Meditations I, through the dream argument, introduces us to a world where we lose contact with our certainties. Through a philosophical skeptical bias, we enter into the discomfort of the objectivity loss inherent to perception and we experience the non-correspondence with the material world as we cross the threshold of reason. The Dream Argument is a fundamental part of Descartes' work Meditations. It leads us to doubts about the state in which we are at the current time (“now”), where our dreaming and waking moment begin from, and which one would be a real state of consciousness. In it, Descartes initiates doubts about our perceptions and, in a descending digression, removes all foundations that sustain our knowledge, taking us to the void of the cogito. In the present work, we will see how this Cartesian moment has taken place and, in order to do that, we will begin with the skeptical ideas and their implications to philosophers and intellectuals in Descartes's time. We will continue with the dream argument by analyzing its unique format as we infer doubts to reality, and finally we will discuss the credibility of Descartes's argument for refuting his own dream argument.

Keywords: *Argument of the Dream. Descartes. Meditations.*

¹ Esse artigo foi apresentado como atividade de avaliação em Unidade de Aprendizagem no curso de Filosofia da Unisul na modalidade a distância. O autor desse artigo formou-se no segundo semestre de 2011 no referido curso. Endereço de e-mail do autor < chmyz@terra.com.br >.

1. CETICISMO

O que é conhecimento? Quando um conhecimento pode ser caracterizado como verdadeiro? De fato conhecemos algo? O cético afirma que não.

Parafrazeando Platão, conhecimento é toda crença verdadeira e justificável. Dessa forma, só há conhecimento quando nossas crenças estão justificadas e, se isso não ocorre, não há conhecimento. *A priori* isso nos parece simples e verdadeiro e, dessa forma, damos esse argumento como válido. Mas não é simples assim.

Se para justificarmos algo usamos de outra crença, se todas as crenças são justificadas por outras crenças, então, há o que se denomina regressão infinita². Sendo assim, se há uma regressão infinita nossas crenças não estão justificadas, logo, não há conhecimento. Os filósofos passaram séculos discutindo essa argumentação cética, muitos se ocuparam em tentar respondê-la e outros não a consideraram. Mas por que não aceitá-la e passar adiante? Esta é uma possibilidade, mas acontece que se o aceitamos não haverá um adiante para passar. Então, por que não o refutamos? Isso por ele ter suas premissas verdadeiras, ser um argumento válido, sólido, não podendo assim desconsiderá-lo. Essas ideias céticas acompanharam o pensamento filosófico desde seu início; no século XVI, houve eventos que intensificaram sua defesa, levando ao surgimento do assim chamado ceticismo moderno.

Para Chaves (2010), até o momento tínhamos como verdadeira a ideia geocêntrica, a qual postula que a Terra era o centro do universo e a lua, o sol e demais astros do firmamento giravam ao seu redor. Ela ficava estática, apenas a observar a criação divina, os filhos de um criador supremo a admirar o seu quintal. Realmente havia sentido nisso, pois para os nossos sentidos parecia ser isso mesmo, não sentíamos o nosso planeta se mover, dessa forma, as nossas sensações corroboravam tal fato. Com a chegada da hipótese heliocêntrica e se tornando assim fato indiscutível, era necessário então admitir que os nossos sentidos estivessem nos enganando, era uma ideia comprovada que

² É uma argumentação usada em muitos ramos da filosofia, em que um raciocínio exige um precedente, que, por sua vez, exige outro precedente, *ad infinitum*. Para evitar essa regressão infinita alega-se a necessidade de um princípio fundamental não demonstrável.

antagonizava com o que nossa percepção nos dizia, parecia sim estarmos parados a observar as estrelas e não nos movendo junto delas.

Já era conhecido desde a antiguidade que nossos órgãos sensoriais nos enganavam, mas agora se perguntava: será que nossos sentidos não nos enganam sempre? Se a Terra gira em torno de seu próprio eixo e também em torno do sol e nunca percebíamos isso, será que esses sentidos não nos enganam também em outros aspectos e assim nos afastando da realidade? Será que realmente conhecemos a realidade?

Houve, sob outro aspecto, agora religioso, o advento do protestantismo, que mudou o critério da verdade religiosa. Até então, filósofos religiosos imbuídos na busca de explicar a existência de Deus acreditavam que era possível se chegar ao conhecimento Dele pela chamada “via natural”, isto é, por meio da razão humana, refletindo sobre os dados fornecidos pelos sentidos.

“A reforma protestante no século XVI não apenas negou, mas criticou violentamente a busca empírico-racionalista da filosofia. Lutero chamou a razão de prostituta e afirmou que o conhecimento de Deus é apenas pela fé, não pela razão.” (CHAVES, 2010, p.4). Aqui o ceticismo não apenas confirmava que o homem não tinha possibilidade de conhecer pela capacidade de seus sentidos, mas também que não havia capacidade humana alguma para tal.

Era agora início do século XVII e, com a chegada do iluminismo, os filósofos do início desse século tentavam responder ao novo ceticismo e fundamentar as modernas teorias filosóficas para justificar a nova ciência. Entre muitos, estava Descartes, que se deparava com a sombra do ceticismo, que nesse momento tomava força.

Descartes buscava verdades que nenhum cético pudesse destruir e usou a própria arma cética da dúvida. Nas *Meditações*³, com a utilização da dúvida hiperbólica⁴,

³ Livro publicado por René Descartes em 1641. Trata-se de um aprofundamento da filosofia elaborada nas Regras para a orientação do espírito (1627?) e no Discurso sobre o método (1637). *Meditações* compõe-se, primariamente, de seis meditações ou partes, nas quais Descartes tenta estabelecer o que podemos conhecer com segurança.

⁴ É um conceito derivado do pensamento de René Descartes, a respeito do contínuo inquirir acerca da veracidade das coisas que nos são apresentadas como verdadeiras. Também chamada de dúvida R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 32-45, jul./dez. 2017.

ele rejeitou todas as crenças que poderiam, sob quaisquer circunstâncias, ter a possibilidade de ser falsa ou duvidosa. Rejeitou todos os dados sensoriais, visto que os nossos sentidos, às vezes, enganavam-nos. Rejeitou as crenças sobre as realidades físicas, pois essa pode ser apenas um sonho e rejeitou as crenças baseadas no raciocínio, pois essas podem ser provenientes de alguma força demoníaca tentando nos enganar. A ideia Cartesiana era a de abandonar tudo o que houvesse a possibilidade de não ser verdadeiro e chegar a um conhecimento absolutamente seguro, um conhecimento que resista à dúvida mais obstinada, um conhecimento de que não haja possibilidades de duvidar. Esse ponto irrecusável de verdade seria a pedra fundamental onde ele construiria conceitos verdadeiros e justificáveis, respondendo de vez ao argumento cético da impossibilidade de conhecimento. Descartes (2008, p.21) resume seu projeto:

Faz alguns anos já, dei-me conta de que admitira desde a infância muitas coisas falsas por verdadeiras e de quão duvidoso era o que depois sobre elas construí. Era preciso, portanto, que, uma vez na vida, fossem postas abaixo todas as coisas, todas as opiniões em que até então confiara, recomeçando dos primeiros fundamentos, se desejasse estabelecer em algum momento algo firme e permanente nas ciências....Para isso não será necessário mostrar que todas elas são falsas – o que talvez nunca pudesse conseguir –, mas, porque a razão já me persuade de que é preciso coibir o assentimento, de modo não menos cuidadoso, tanto às coisas que não são de todo certas e fora de dúvida quanto às que são manifestamente falsas, bastará que encontre, em cada uma, alguma razão de duvidar para que as rejeite todas.

Assim, Descartes introduz o método à filosofia e com o uso desse seu método o filósofo elabora o argumento do sonho, do qual nos ocuparemos a seguir.

2. O ARGUMENTO CARTESIANO DO SONHO

“Você já se sentiu como se não soubesse se está acordado ou se está sonhando?”⁵

sistemática, é o resultado imediato do primeiro princípio exposto pelo pensador no seu Discurso sobre o método (1637).

⁵ Fala do personagem “Neo” no filme Matrix, uma produção cinematográfica norte-americana e australiana de 1999, dos gêneros ação e ficção científica, dirigido pelos irmãos Wachowski e protagonizado por Keanu Reeves e Laurence Fishburne. Thomas Anderson é um entre os milhares de milhões de seres R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 32-45, jul./dez. 2017.

Será a vida um sonho?

Esse pensamento não é difícil de ser elaborado, mas sim difícil de ser refutado. Ele nos apaixona pela magia da ideia, pela possibilidade de fuga de um ambiente indesejado. Quem não gostaria de poder acordar quando se está em uma situação indesejada no seu dia a dia?

Esta ideia vem inundando a imaginação humana, filósofos, poetas, doutrinas milenares como o Tao, filosofia milenar chinesa que afirma ser a vida um sonho e a morte apenas um despertar, ou a filosofia hinduísta que diz a vida ser “Maya”, uma ilusão, um tênue véu esperando ser rasgado para nos levar a um despertar para a verdadeira realidade.

Descartes, por meio da dúvida sistemática, começou pôr tudo em dúvida. Iniciou pelos nossos sentidos, impondo a eles a dúvida na veracidade de suas percepções e, por fim, o golpe final: Por que estaríamos tão preocupados em resolver se o que vemos, sentimos e interagimos é real ou não se talvez estejamos apenas envoltos em sonho, prontos para despertarmos a qualquer momento?

Nas páginas seguintes apresentaremos o argumento cartesiano do sonho e de que forma Descartes relacionou a nossa suposta realidade à possibilidade de estarmos apenas sonhando. Descartes (2008, p. 25) escreve:

Mas talvez, apesar de os sentidos nos enganarem às vezes acerca de certas coisas miúdas e muito afastadas, muitas outras coisas haja, contudo, sobre as quais não se pode de modo algum duvidar, não obstante hauridas dos sentidos. Por exemplo, que agora estou aqui, sentado junto ao fogo, vestindo esta roupa de inverno, tendo este papel às mãos e coisas semelhantes. Em verdade, qual a razão para que possa negar essas próprias mãos e todo esse meu corpo? A não ser talvez que me compare a não sei quais insanos, cujo cérebro foi a tal ponto afetado pelo negro vapor da bília que constantemente asseveram ou que são reis, sendo paupérrimos, ou que se vestem de púrpura, estando nus, ou que têm a cabeça feita de barro, ou que são inteiramente cabaças ou confeccionados em vidro. Mas eles são dementes e não pareceria menos demente do que eles, se neles buscassem algo como exemplo para mim. Ainda bem! Como se eu não fosse um homem, acostumado a dormir à noite e sentir nos sonhos todas essas mesmas coisas, e até menos verossímeis, do que eles em sua vigília! Em verdade, com que freqüência em seu sono noturno não

humanos adormecidos. Neuralmente conectado à Matrix, ignorava que o mundo em que vivia é diferente do que parece. Anderson é um hacker de computador, que penetra em sistemas de computador ilegalmente e rouba informações, sob o seu apelido hacker de "Neo". Durante a sua vida como um hacker, Anderson descobre algo conhecido apenas como a "Matrix". E é descrita por Morpheus como uma vaga intuição de que Neo teve durante toda a sua vida: "que há algo de errado com o mundo".

me persuadi dessas coisas usuais, isto é, que estava aqui, vestindo esta roupa, sentado junto ao fogo, quando estava, porém, nu, deitado entre as cobertas! Agora, no entanto, estou certamente de olhos despertos e vejo este papel, e esta cabeça que movimento não está dormindo, e é de propósito, ciente disso, que estendo e sinto esta mão, coisas que não ocorreriam de modo tão distinto a quem dormisse. Mas, pensando nisto cuidadosamente, como não recordar que fui iludido nos sonos por pensamentos semelhantes, em outras ocasiões! E, quando penso mais atentamente, vejo do modo mais manifesto que a vigília nunca pode ser distinguida do sono por indícios certos, fico estupefato e esse mesmo estupor quase me confirma na opinião de que estou dormindo.

Antes de propriamente entrar no argumento do sonho, Descartes nos esclarece que esse tipo de pensar poderia ser de alguém com algum problema mental, um louco talvez. “A não ser talvez que me compare a não sei quais insanos, cujo cérebro foi a tal ponto afetado pelo negro vapor da bÍlis que constantemente asseveram ou que são reis, sendo paupérrimos, ou que se vestem de púrpura...” (DESCARTES, 2008, p.23). Segundo Forlin (2001), Descartes está na verdade recusando essa possibilidade, ele não quer que esse argumento prestes a nos apresentar seja questionado pela possibilidade de ser acometido de loucura. A loucura ou a alucinação seria um ótimo argumento para pôr em dúvida a realidade exterior, mas ele sabe que esse argumento também poderia nos transportar a um mundo imaginário, quando poderíamos estar conversando com pessoas imaginárias, inserido em uma possibilidade em que nossa consciência não distinguiria o real do imaginário, o material do espiritual. Entretanto, essas alucinações, mesmo demonstrando que a realidade exterior poderia ser apenas uma projeção imagética da mente, não são experienciadas pelo comum das pessoas. Já os sonhos são experiências, fenômenos, decorrentes à maioria das pessoas; são ocorrências naturais da experiência humana. Sabemos que as alucinações são também ocorrências mentais, mas são antes distúrbios que fenômenos naturais.

Assim, encaramos que Descartes, em sua busca para dar veracidade a este seu argumento, do sonho, procura, sim, uma construção mental de uma realidade mais objetiva e comum à maioria das pessoas, e não uma construção mental bizarra, uma realidade imaginada por um indivíduo mentalmente perturbado. Em outras palavras, quando Descartes nos leva a pensar que quando imagino: “... que estava aqui, vestindo esta roupa, sentado junto ao fogo...” (DESCARTES, 2008, p.25), não estaria, na verdade, trancafiado em uma sala numa camisa de força. Para ele, que talvez estejamos em nossa cama, deitados, a sonhar, assim estaríamos apenas questionando o estatuto dessa

objetividade: interna ou mental, externa ou material. E não a objetividade de meu mundo sendo convertido a um mundo de alucinações.

Descartes quer, na verdade, que esse seu argumento nos faça pensar na possibilidade de estarmos a sonhar devido a imagens normais que temos durante os sonhos, imagens objetivas de um mundo equilibrado, não de imagens fantásticas, de sonhos absurdos, monstruosos, mas sim encarmos a possibilidade de que podemos estar a sonhar agora, na vigília, por já nos termos visto nos sonhos em situações similares. Descartes (2008, p. 27) escreve:

Por igual razão, embora essas coisas gerais – olhos, cabeça, mãos e semelhantes – possam ser elas também imaginárias, é preciso confessar, todavia, que são pelo menos necessariamente verdadeiras e existentes algumas outras coisas, ainda mais simples e universais, a partir das quais são figuradas, como a partir de cores verdadeiras, todas as imagens de coisas que estão em nosso pensamento, quer verdadeiras ou falsas. (2008, p.27)

Quando sonho, tenho a nítida impressão de fazer coisas, da mesma forma como as que realizo durante a vigília. Eu vejo coisas com meus olhos, observo minhas mãos, toco objetos, ando, corro e muitas outras coisas dadas como normal. Assim, será que ao realizar tais coisas acreditando estar acordado, não posso estar sonhando? Também a ficção no sonho não poderia ser como a imaginação de um pintor que mostra em sua obra algo fantástico beirando o absurdo? E, da mesma forma, em sonhos não estaríamos usando de tal imaginação e assim trazemos à vigília, quando acordamos, essas lembranças fantásticas que nos chegam, selecionadas e lembradas por um mecanismo seletivo de nossa memória? Todas são possibilidades que estão presentes no argumento cartesiano do sonho.

Penso ser necessário ver esse argumento com os olhos do sonhador, isto é, lembrarmos da força que nos aprisiona àquele estado, a intensidade que é aquele momento, o quanto as coisas mais absurdas que a nossa imaginação pode nos mostrar possa nos parecer normal. Apenas temos a consciência do absurdo quando estamos aqui, nesse outro estado, mas durante o sonhar é tudo plenamente possível, normal, real. Pensemos então nessa intensidade, nessa crença de ser tudo real durante o sonhar; ela não seria de mesma forma que essa nossa convicção de que agora, neste momento, é que estamos no mundo real e aquilo tudo fora apenas um sonho? Não seria o mesmo tipo de certeza? Qual dessas crenças seria então a correta? Qual nos proporciona a verdade e qual

seria o mundo verdadeiro em que estaremos realmente vivendo? É nessas possibilidades que o argumento do sonho ganha a sua magnitude, da mesma forma que durante o sonhar cremos que naquele momento tudo é real, também agora, temos a mesma convicção estarmos acordados, e não a sonhar. Descartes não estava só nessas conjecturas, desde Platão havia também estes questionamentos, Sócrates em Teeteto fala:

O tempo durante o qual dormimos é igual ao tempo em que estamos acordados, e em ambos nossa alma afirma que só as opiniões que tem naquele momento são verdadeiras; desse modo, por igual espaço de tempo dizemos que são verdadeiras ora estas, ora aquelas, e defendemos umas e outras com a mesma energia. (PLATÃO, 2005, 158d)

Há ainda outro viés em que Descartes supõe a possibilidade desse nosso mundo, nossa realidade, ser uma criação mental.

Entretanto, fixa em minha mente, tenho uma certa velha opinião de que há um Deus, que pode todas as coisas e pelo qual fui criado tal qual existo. Mas, de onde sei que ele não tenha feito que não haja de todo terra alguma, céu algum, coisa extensa alguma, figura alguma, grandeza alguma, lugar algum e que não obstante eu sinta todas essas coisas e que, no entanto, todas elas não me pareçam existir diferentemente de como me parecem agora? (DESCARTES, 2008, p.29)

Aqui observamos a possibilidade de uma entidade superior a tudo nos provendo o meio físico em que vivemos. Os céus, os oceanos, o ar e até mesmo nossos corpos seriam criados como ilusão em nossas mentes, estaríamos interagindo com a imaginação, uma imaginação controlada por esse ser superior. Descartes tenta, dessa forma, desestruturar-nos, tirando toda a possibilidade de acreditarmos que temos o conhecimento do que exatamente acontece conosco, de que tenhamos a certeza indubitável de nossa realidade. Ele não apenas nos faz pensar que talvez estejamos sonhando neste momento, mas talvez não tenhamos nem ao menos corpos e nem um mundo ou uma realidade palpável para interagirmos. Seríamos apenas um cérebro recebendo impulsos elétricos nos informando o que deveríamos ver, sentir, interagir. Esse conceito é ampliado por Descartes com a introdução do argumento do Gênio Maligno, entidade essa tão poderosa que nos faria pensar de forma errônea os conceitos matemáticos e outras verdades por nós concebidas como incontestáveis.

Como podemos ver, Descartes usa de todas as armas emprestadas dos céticos para destruir qualquer evidência a qual pensamos ter alguma certeza de que conhecemos

algo, de que realmente as nossas convicções sobre o mundo no qual vivemos tenha alguma veracidade. Com os conceitos básicos dos cétricos sobre a veracidade das informações de nossos sentidos mais o argumento do sonho e a introdução do Gênio Maligno, Descartes chega à única certeza possível, ao instrumento pelo qual todas as informações seriam transmitidas ao nosso conhecimento, o meio pelo qual as ideias do sonhar e suas lembranças fluiriam, meio pelo qual o Gênio Maligno não nos enganaria, o intermediário das informações concebidas por um Deus Poderoso ao introduzir em nosso cérebro os dados de um mundo para interagirmos. O meio, a via de contato conosco, a única forma pela qual não poderíamos ser enganados, ludibriados, por informações percebidas por vias sensoriais a um Deus enganador, um meio incontestável e verdadeiro, mesmo que o que trafegue por ele não seja real: O *cogito*, o pensamento.

Não vamos seguir em frente nas discussões Cartesianas que fazem parte das outras *Meditações*, mas nos ater apenas ao Argumento do Sonho, este é encerrado para dar vez a ideia do Gênio Maligno e só volta a fazer parte da argumentação Cartesiana na *Meditação VI*, quando Descartes tenta desmontar este Argumento.

Mas as dúvidas hiperbólicas dos últimos dias devem ser rejeitadas como dignas de riso, principalmente a maior delas, sobre o sono, que eu não distinguia da vigília. Pois, agora, noto que a diferença entre um e outra é muito grande: os sonhos nunca são conjugados pela memória com todas as ações restantes da vida, como sucede com o que ocorre a quem está acordado. Pois, em verdade, se estou acordado e alguém de repente aparece e logo desaparece, como nos sonhos, isto é, sem que eu veja nem de onde veio, nem para onde foi, eu não deixaria de ter razão se o julgasse antes um espectro ou fantasma, fantasiado em meu cérebro e semelhante aos que nele se formam quando durmo, do que um verdadeiro homem. Mas, quando em verdade se me apresentam coisas em que noto distintamente de onde, onde e quando se me ocorrem e vejo um nexos ininterrupto de sua percepção com tudo o mais da vida, fico completamente certo de que ocorrem, não quando estou dormindo, mas acordado. (DESCARTES, 2008, p.191)

Aqui, no final da *Meditação VI*, Descartes rejeita a ideia colocada em *Meditação I*, o seu argumento do sonho. Ele abandona isso com a afirmação de ser absurda a hipótese de que poderíamos sonhar durante o que pensamos ser a nossa vigília, ele rejeita a sua ideia com escárnio, dizendo serem dignas de riso e que agora ele percebe o quão infundada é essa hipótese.

Descartes se fundamenta na percepção de que ao lembrar dos sonhos ele não percebe uma continuação, uma sequência no sonhar, as lembranças são apenas dos fatos em si, apenas há o acontecimento sem uma condução a eles. Diferente de nossa vigília, R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 32-45, jul./dez. 2017.

quando sabemos o que aconteceu antes de algum fato marcante, recordamos o que aconteceu e como ocorreram os fatos até o momento do “agora”. Ele refuta o seu argumento por esse não apresentar um vir a ser, um momento antes do fato em si, ele afirma não haver um *continuum* temporal no sonhar. A seguir, pretendo discutir a possibilidade de que essa hipótese Cartesiana não seria sólida suficiente para por abaixo o argumento do sonho apresentado em *Meditação I*.

3. A MEMÓRIA NO SONHAR

A todo momento, o nosso presente se torna passado; caminhamos com os olhos voltados para o futuro, os pés no presente e uma tênue sombra forma nosso passado, esse, então, pode cair ao esquecimento. A memória é que evoca esse passado, resgata uma vida já vivida, garantindo a nossa própria identidade. “Ela é a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-a da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais.” (CHAUI, 2006, p.138). Walter Benjamin (1986) observa a importante distância entre a realidade viva e a lembrança, uma espécie de vida congelada. “O mais importante não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração” (BENJAMIN, 1986, p.37). Ele nos revela a memória como um elemento constitutivo da história, não como algo monolítico e alcançável pela pesquisa minuciosa, mas como fragmento, como elemento disperso em uma sucessão de paisagens criadas pelo observador. Esse as fita a perder-se no passado, proporcionando-se pistas de uma realidade já vivida, evocando imagens de um passado que não pode ser mais encontrado, só a sua memória, fragmento de um todo estilhaçado que é reconstruído no presente. Isso torna o passado algo que pertence mais ao tempo que se refere a ele, que o busca no infinito da memória, do que propriamente ao tempo perdido, que não pode ser resgatado no seu absoluto, pois já passou.

Voltamos ao nosso argumento cartesiano do sonho e analisemos de que forma resgatamos os acontecimentos de nossa vida, a vida dita como real, a nossa vigília. Se nos atentarmos aos detalhes de uma lembrança veremos o quão é difícil lembrarmos dos acontecimentos que precedem algo que nos marcou, que pela sua importância nos imprimiu uma imagem em nossa memória. Paul Ricœur (2010, p. 41) comenta: “A R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 32-45, jul./dez. 2017.

“coisa” lembrada é simplesmente identificada a um acontecimento singular, que não se repete”. Assim, essa “coisa” única, quando lembrada e ao se constituir como imagem, é precedida apenas de outras esparsas imagens e dilui-se no esquecimento ao se afastar temporalmente do fato em si. Dessa forma, ao lembrarmos de um fato, muitas vezes não recordamos o que houve algumas horas antes desse, quanto maior é o espaço temporal do agora para o fato lembrado, menor serão as lembranças anteriores e posteriores a ele.

E quanto ao nosso sonhar? Se sabemos que na vigília há esses espasmos de amnésia ao tentarmos recordar algo de nosso passado, por que deveríamos exigir que lembremos de fatos precedentes ao que resgatamos do sonhar após acordarmos? Como não encararmos esse momento que estivemos a sonhar da mesma forma como o momento de vigília; às nuances da memória, às suas características fragmentárias e imagéticas?

Pelo olhar da psicologia, a nossa realidade é espacial e temporal. Sem a percepção material não haveria as noções de espaço, mas essa percepção material, que dá estatuto à realidade, não é apenas objetiva; mas coaduna o universo subjetivo e objetivo.

Visto que os modos de conhecer correspondem a níveis de consciência, e visto que a Realidade é um modo particular de conhecer, disso se segue que a Realidade é um nível de consciência, o que, todavia, não quer dizer que a “substância” da realidade seja a “substância da consciência”, [...] a Realidade é o revelado a partir do nível não-dual da consciência a que demos o nome de Mente. Que ela é revelada é uma questão de fato experimental; o que é revelado, contudo, não pode ser precisamente descrito sem voltarmos ao modo simbólico de conhecer. Assim sendo, sustentamos que a realidade não é ideal, não é material, não é espiritual, não é concreta, não é mecanicista, não é vitalista – *a Realidade é um nível de consciência, e só esse nível é Real* (WILBER, 1995, p.45).

Os objetos dessa realidade são percebidos por um indivíduo, em um determinado tempo/espaço, são armazenados na sua consciência sob forma de uma sobreposição de memórias. Um mesmo objeto pode ser a referência de um acontecimento e de outros em diferentes espaços/tempos, cada qual ser um marco vivido por esse indivíduo. Sendo assim, este objeto quando se apresenta ao indivíduo não é expresso apenas como um fato acontecido, mas sim a combinação de memórias ao mesmo tempo. Dessa forma, o fato lembrado é de forma imagética e com a possibilidade de haver fusões com outros fatos ocorridos relacionados àquele objeto e provocando assim uma inconsistência temporal.

A ausência material desse objeto impossibilita a descarga de significados mnemônicos⁶ vinculados àquela informação objetiva. Uma lembrança de algum fato ou pessoa querida é muitas vezes ativada pela conexão mnemônica com algum objeto, som, aroma etc., que nos conecta a essa lembrança.

Fora do número incalculável de impressões que um indivíduo encontra, ela escolhe para lembrar apenas que ele sente, embora obscuramente, que tem um significado na sua situação. Assim, suas lembranças representam sua “História da Minha Vida”; uma história que ele repete para si mesmo a fim de se advertir ou se consolar, para mantê-lo concentrado em sua meta, para prepará-lo, por meio de experiências passadas, a encontrar o futuro com um estilo de ação já testado (ADLER, 1967, p.31).

De acordo com Gabriel (2010, p.4): “Os objetos do cotidiano são permeados por memória, e essas memórias, assim como os próprios objetos, só têm existência na subjetividade que retém a realidade cotidiana em questão.” Mas quando o indivíduo volta para a perspectiva presente, esse relaciona novas impregnações mnemônicas ao objeto, descaracterizando a memória original, e essa se perde no tempo.

Nossa memória de continuidade não é clara e objetiva, mas confusa e esparsa; portanto, haveria motivos para supor que a dúvida sobre o sonho e a vigília poderia ser mantida; considerando-se que aquilo que distinguirmos ser sonho pela falta de memória contínua, seria apenas um momento de maior confusão da memória. Sendo assim, não podemos, necessariamente, afirmar se estamos sonhando ou acordados em um mundo real, considerando apenas a memória, essa como único referente incontestável para discernir entre um momento e outro nesse processo dual de sonhar e vigília. Ao considerarmos esse viés, ainda estaremos presos à dúvida cartesiana.

Penso que deveríamos levar em consideração essas características, e considerarmos um precedente no argumento de Descartes em *meditação VI*, quando esse faz uma autocrítica referente ao seu argumento do sonho exposto na *Meditação I*. Não podemos aqui fundamentar a ideia de estarmos sonhando durante o que chamamos de

⁶ É um auxiliar de memória. Baseados no princípio de que a mente humana tem mais facilidade de memorizar dados quando esses são associados à informação pessoal, espacial ou de carácter relativamente importante, do que dados organizados de forma não sugestiva (para o indivíduo) ou sem significado aparente. Porém, essas sequências têm que fazer algum sentido, ou serão igualmente difíceis de memorizar.

vigília, ou de que durante o sonhar estaríamos realmente vivendo nossa vida verdadeira. Nem mesmo comprovar a ideia fractal do sonhar onde nossa realidade seria um sonho e que também após nossa morte teríamos outro sonhar e assim esses e outros sonhos estariam conectados por um ponto, ponto esse que seria o nosso “eu” e esse situar-se dentro desses sonhos como um agente vivenciador – mas também não creio que a hipótese do não *continuum* temporal no sonhar possa desmontar tão apaixonante ideia, como afirmou Descartes.

4. CONCLUSÃO

“Somos feitos da mesma substância de que são feitos os sonhos,
e nossa curta existência está contida no período de um sono”
(SHAKESPEARE – A Tempestade, ato IV, cena I)

De posse dos conceitos céticos e com o propósito de respondê-los, Descartes inicia as dúvidas a respeito de nossas percepções e, em uma descendente digressão, retira todos os nossos alicerces que sustentam o nosso conhecer, levando-nos ao vazio do *cogito*. Nessa espiral descendente está o argumento do sonho, uma subjetividade tornando-se uma possibilidade detentora da mesma objetividade da realidade externa e essa realidade, detentora de uma objetividade intrínseca, dissolve-se no subjetivismo absoluto do sonhar.

Nessas páginas expomos e examinamos o argumento cartesiano do sonho e nos posicionamos em relação ao contra-argumento exposto por Descartes. É dito que a intenção cartesiana era apenas de se chegar ao *cogito* e então reestruturar todo o conhecimento por um viés ontológico, e que esse argumento, junto de outros, foi apenas instrumento para tal intento. Mas Descartes, ao responder ao cético nos transporta a um mundo dual de realidade e sonho, em que um se projeta noutro, um responde enquanto outro questiona, uma circularidade sem fim, onde o fora e o dentro se indistinguem, uma vertiginosa dança difusa em que as duas faces da relação sono e vigília são duas dimensões de uma mesma superfície – a vida.

REFERÊNCIAS

ADLER, Kurt. *Psicologia do Indivíduo de Adler*. In: WOLMAN, Benjamin B. (org). **As Técnicas não-freudianas e técnicas especiais e resultados**. (col. Técnicas Psicanalíticas – vol. 3) Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

CHAVES, Eduardo O.C., **A Filosofia Moderna e Descartes**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/moderna.htm>> Acesso em: 06 març. 2011.

DESCARTES, René. **Meditações Sobre Filosofia Primeira**. Campinas: Unicamp, 2008.

FORLIN, Eneias, **O Argumento Cartesiano do Sonho**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso/pdf/D32_O_argumento_cartesiano_do_sonho.pdf> Acesso em: 06 mar. 2011.

GABRIEL, Kelton, **Espaço e Memória: A Sobreposição Mnemônica na Matéria Cotidiana**. Disponível em: <WWW.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=232> Acesso em: 23 de maio 2011.

MATRIX. Andy Wachowski e Larry Wachowski, **Warner Home Video**. EUA, 1999. 1DVD.

PLATÃO. **Teeteto**. Lisboa: Cauloste Gulbenkian, 2005.

RICCEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2010.

SHAKESPEARE, Willian. **A Tempestade**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

WILBER, Ken. **O Espectro da Consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.